

foto *crono* grafias

2019
ISSN 2595-3559



COTIDIANO CITADINO E
PERSONAGENS URBANOS



Fotos da Capa Ma. Luz Espiro

Editoras

Ana Luiza Carvalho da Rocha - Professora Doutora UFRGS, Brasil
Matheus Cervo - Bolsista Biev UFRGS, Brasil

Comissão Editorial

Angela de Souza Torresan, University of Manchester, Inglaterra
Carlos Masotta, UBA, Argentina
Carmen Sílvia de Moraes Rial, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Christine Louveau de la Guigneraye, Centre Pierre Neville, Université d'Évry-Val-d'Essonne, Maître de conférences en communication, França
Daniel Daza Prado, IDES, Argentina
Daniel S Fernandes — UFPA, Universidade Federal do Pará — Campus Bragança
Fabrício Barreto, Universidade Federal de Pelotas, Brasil
Fernando de Tacca, Unicamp, Brasil
Flávio Leonel da Silveira, Universidade Federal do Pará, Brasil
Gisela Canepá Koch, Departamento de Ciencias Sociales de la Pontificia Universidad Católica del Perú, Perú
Jesus Marmanillo, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
João Braga de Mendonça, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Luciano Magnus de Araújo, Universidade Federal do Amapá, Brasil
Luiz Eduardo Achutti, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Milton Guran
Paula Guerra, Universidade do Porto, Portugal
Renato Athias, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Rumi Kubo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Sarah Pink Instituto Real de Tecnologia de Melbourne, Austrália
Sylvaine Conord, Université Nanterre, França

Apoio Técnico

Felipe da Silva Rodrigues - Pesquisador Voluntário Biev UFRGS, Brasil
Matheus Cervo - Bolsista Biev UFRGS, Brasil

www.ufrgs.br/biev/
medium.com/fotocronografias
fotocronografia@gmail.com
+55 (51) 3308 7158

foto *crono* grafias

COTIDIANO CITADINO
E PERSONAGENS URBANOS

Sumário

COTIDIANO CITADINO
E PERSONAGENS URBANOS

02

PÁGINA 28

**Afromodernidad en Sudamérica:
entramados de religión y trabajo
en la migración senegalesa trans-
nacional**

Ma. Luz Espiro

04

PÁGINA 56

**Cidade, cotidiano e personagens
do metrô de Porto Alegre**

Átila Alexius
Ana Luiza Carvalho da Rocha

01

PÁGINA 12

**Fotografias, territórios urbanos e
reverberações da memória**

Ana Patrícia Barbosa

03

PÁGINA 42

Na boca do mercado

Amanda Stephanie Garcia de Carvalho Gomes
Carlos Eduardo da Silva Lopes
Clarice Maia de Amorim
Eloisa Lemos
Fernanda Rechenberg
Giselle Silvestre da Silva
Josivaldo Rodrigues de Oliveira
Larissa Vanessa Santos Correia
Maristela Marques Santos
Tamara Roque Caetano
Tayná Almeida de Paula

05

PÁGINA 70

A Morte do Carvão

Matheus Cervo

06

PÁGINA 86

**Amor e devoção: a procissão em
homenagem a São Benedito, na
irmandade de Nossa Senhora do
Rosário dos Homens Pretos de São
Paulo/SP**

Ricardo Figueiró Cruz

08

PÁGINA 112

Academia Physical: Jonas e Tubarão

Marielen Baldissera

10

PÁGINA 142

**Alvorada do Remo: memória e iden-
tidade do Clube de Regatas Ria-
chuelo a partir de narrativas ima-
gética s da cidade de Florianópolis**

Cristhian Cajé
Rafael Venuto

20

PÁGINA 98

**“Estou ao lado do açougue”: cons-
truindo narrativas etnográficas de
espaços cotidianos**

Jeferson Carvalho da Silva

60

PÁGINA 128

**Lembranças viajantes de espaços
poéticos urbanos**

Wendell Marcel Alves da Costa



2019

Organização e Apresentação

Ana Luiza Carvalho da Rocha
Matheus Cervo

vol. 04 num. 08

COTIDIANO CITADINO E PERSONAGENS URBANOS

Almejando um dossiê após a publicação do “Vol. 3, num. 06—Tempos da Crise” da revista Fotocronografias, pensamos como poderíamos dar continuidade aos estudos metropolitanos da relação entre imagem e espaços citadinos. Considerando a interface entre Antropologia Urbana e Antropologia Visual, inspiramo-nos pela edição anterior para reunir narrativas que abordem a heterogeneidade cultural e social (VELHO, 2004) do ambiente urbano a partir de indivíduos ou coletivos que, praticando a cidade, escapam às totalizações do olhar e estabelecem significados outros à urbe.

Não é trivial que uma edição sobre cotidiano tenha surgido após a coleta de ensaios com “imagens da crise” feitas através do olhar etnográfico que perambula curiosamente pelas ruas das grandes metrópoles (ECKERT; ROCHA, 2013c). Como nos ensina Walter Benjamin (1987), precisamos investir em outro conceito de história em que múltiplas tradições podem nos ensinar que o estado de exceção em que vivemos é regra geral. A fim de perceber, de perto e de dentro, as localizações sociais da memória (HALBWACHS, 2006) dos espaços urbanos, acreditamos em construir conhecimento a partir do cotidiano das alteridades próximas que tantas vezes estão tão distantes de nós.

Desta forma, compreender o cotidiano metropolitano e os personagens que vivem o extradoméstico e o domínio da rua (DA MATTA, 1997) nos ajudam a compreender quais são as estratégias, táticas e lugares praticados (CERTEAU, 1998) que permitem certas figurações sociais dentro das nossas cidades dos trópicos. Considerando essas as delimitações específicas deste editorial, reunimos dez ensaios visuais que abordam essa temática ampla que permite a pluralidade de trabalhos em um mesmo espaço.

Como abertura do dossiê, apresentamos a publicação de Ana Patrícia Barbosa chamada “Fotografias, territórios urbanos e reverberações da memória”. O ensaio publicado é resultado de sua pesquisa de doutorado realizada entre 2014 a 2017 na região da Grande Cruzeiro em Porto Alegre, RS. Através de fotografias autorais e o acervo da Associação de Moradores da Vila Cruzeiro do Sul (AMOVICS) que resgam outros tempos vividos, reuniu um conjunto de imagens para revelar detalhes cotidianos da transformação da Grande Cruzeiro através de múltiplas temporalidades.

O segundo ensaio chama-se “Afromodernidaden Sudamérica: entramados de religión y trabajo en la migración senegalesa transnacional” de Ma. Luz Espiro. O ensaio em espanhol contém fotografias realizadas durante seu trabalho de campo realizado em várias cidades da Argentina, do Brasil e do Senegal de 2012 a 2018. Seu objetivo foi o de construir narrativas outras sobre esses agentes da modernidade que transformam as cidades do sul global a partir de discursos e práticas que, apesar de aparentemente serem meramente da esfera do trabalho, são profundamente religiosas.

A terceira edição é de autoria coletiva coordenada por Fernanda Rechenberg chamado “Na boca do Mercado” que foi resultado de uma experiência fotoetnográfica proposta na disciplina de Antropologia Audiovisual (ICS/UFAL). Paralelo às leituras da disciplina, o grupo se engajou em um trabalho fotográfico buscando vivenciar os desafios, dilemas, reflexões e sentimentos vividos na prática de pesquisa com imagens. O resultado foi um trabalho fotográfico no Mercado da Produção de Maceió, lócus central nas trocas alimentares e sociais urbanas e um polo afetivo para trabalhadores e frequentadores.

Na sequência, publicamos o ensaio de Átila Alexis intitulado “Cidade, cotidiano e personagens do metrô de Porto Alegre” a partir do seu estudo etnográfico em locais de transporte urbano. Através da experiência vivida em viagens de estudo, criou seu trabalho e pesquisa visual através de itinerários urbanos distintos pelas plataformas de embarque e desembarque e pela apreensão do que ocorre cotidianamente nas estações do metrô.

Como quinta contribuição, recebemos o ensaio de Matheus Cervo em que registra uma intervenção artística urbana denominada “A Morte do Carvão”. Devido à realização de um seminário acerca do projeto no Hotel Plaza São Rafael na avenida Alberto Bins—Porto Alegre, RS –, foi feita uma intervenção esteticamente inspirada nas alianças firmadas na COP 23 para eliminação global do uso da matriz energética carbonífera até 2030. Além de expor informações sobre o projeto, o ensaio explora, textual e visualmente, as táticas cotidianas dos interventores a fim de serem vistos em contextos de possível repressão às manifestações públicas contra grandes empreendimentos.

A sexta publicação é da autoria de Ricardo Figueiró Cruz chamada “Amor e devoção: a procissão em homenagem a São Benedito, na irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo/SP”. Sua inspiração visual foi a compreensão dos espaços urbanos como repleta de sentidos que, através do percorrer as ruas, leva-nos e compreender as paisagens urbanas a partir de apropriações diversas. A partir dessa relação com a cidade, foi produzido um ensaio sobre uma festividade Católica em homenagem a São Benedito que foi realizada na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Prestos de São Paulo/SP.

Jeferson Carvalho da Silva apresenta a sétima contribuição deste dossiê através do nome “‘Estou ao lado do açougue’: construindo narrativas etnográficas de espaços cotidianos”. Este ensaio visual busca tratar sobre um pequeno espaço da Praça Marechal Deodoro, Viçosa (MG) onde seu interlocutor, Luiz, trabalha, constrói dois pontos no espaço, inventa seu próprio mapa e se coloca na paisagem cotidiana da cidade.

A contribuição de Marielen Baldissera sob a denominação de “Academia Physical: Jonas e Tubarão” têm como cenário uma academia de musculação no centro de Porto Alegre. Para a autora, o corpo humano pode ser considerado um meio visual de expressão dos indivíduos, e, nesse contexto, a prática da musculação e hipertrofia muscular é uma possibilidade de criação de si mesmo no cotidiano citadino. Neste ensaio, Marielen apresenta dois personagens urbanos que trabalham com um modelo idealizado de corpo masculino por meio do levantamento de peso e do fisiculturismo em que a masculinidade associada à força física aparece como uma virtude almejada nesse estilo de vida.

Nossa penúltima contribuição é de Wendell Marcel Alves da Costa com o título “Lembranças viajantes de espaços poéticos urbanos”. Este ensaio define as lembranças viajantes como atividades mentais de revisitação de imagens de experiências em cidades. Suas fotografias se referem a práticas em espaços “comuns” da cidade como becos, ruas, parques, avenidas, pontes e viadutos para lembrarmos dos espaços poéticos urbanos que são pequenos e cotidianos. Dessa forma, o autor explora a cidade como um lugar potencial para a imaginação simbólica das pessoas que praticam os espaços “comuns” e fabulam leituras oníricas na dimensão das lembranças viajantes. As cidades representadas neste ensaio são, respectivamente: Barreiras-BA, São Paulo-SP, Fortaleza-CE, Salvador-BA, Brasília-DF, Recife-PE e Natal-RN.

E, por fim, o ensaio de Cristhian Cajé e Rafael Venuto chamado “Alvorada do Remo: memória e identidade do Clube de Regatas Riachuelo a partir de narrativas imagéticas da cidade de Florianópolis”. Alvorada do Remo tem como objetivo refletir, a partir das imagens da cidade de Florianópolis e de fotografias que compõem o acervo fotográfico do Clube Riachuelo, as relações e as dinâmicas das transformações entre identidade, memória e as várias masculinidades entre gerações de atletas que participam desta sociedade esportiva.

Agradecemos pelas nobres contribuições dos(as) autores(as) que participaram desta edição enriquecendo o conteúdo visual e reflexivo para pensarmos as formas e os devires do cotidiano em contextos urbanos.

Desejamos a todos(as) uma boa leitura!



BENJAMIN, Walter. Textos Escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1993. (Coleção Os Pensadores).

CERTEAU, Michel de. Terceira parte—Práticas de espaço. In: A invenção do cotidiano: Artes de fazer. Ed. Vozes. 3ª ed. Petrópolis, 1998.

DaMATTa, Roberto. A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho. Antropologia da e na cidade. Porto Alegre, Marcavisual, 2013c.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

VELHO, G. Individualismo e Cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.



Ana Patrícia Barbosa ¹

Fotografias, territórios urbanos e reverberações da memória

Resumo: Este ensaio fotográfico é resultado da pesquisa de doutorado realizada durante os anos de 2014 a 2017 na região da Grande Cruzeiro em Porto Alegre, RS. Minha aproximação com o uso de recursos visuais como instrumento metodológico de pesquisa tem início no doutorado, quando cursei, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a disciplina de Antropologia Visual e da Imagem, e vinculei-me ao Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV) junto ao Laboratório de Antropologia Social da mesma Universidade.

Palabras clave: Espaço; Tempo; Territórios; Memória.

Photographs, urban territories and reverberations of the memory

Abstract: This photographic essay is the result of the doctoral research conducted from 2014 to 2017 in the “Grande Cruzeiro” region of Porto Alegre, RS. My approach to the use of visual resources as a methodological research tool starts in the doctorate in the Graduate Program in Social Anthropology (PPGAS) in the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), the discipline of Anthropology Visual and Image, and I joined the Image and Visual Effects Bank (BIEV) next to the Laboratory of Social Anthropology of the same University.

Key words: Space; Time; Territories; Memory.

¹ Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social—Universidade Feevale. Docente Universidade Luterana do Brasil.

Em minha inserção etnográfica, as fontes visuais apresentaram-se como objeto de estudo da memória coletiva (HALBWACHS, 1990), em contextos urbanos. Com essa perspectiva, analisei as fotografias do acervo da Associação de Moradores da Vila Cruzeiro do Sul (AMOVICS), desvendando todo o universo simbólico presente por detrás de uma simples foto. Percebi que a condição temporal da imagem, em relação à memória, também representaria aspectos do sujeito e do mundo, no momento em que evocava as suas narrativas. Seria uma forma de recomposição do passado, e não apenas uma representação de um fato que aconteceu. Não é apenas o registro de um passado estático, mas trata-se de dar vida por meio do olhar de quem interpreta. Nesse sentido, a etnografia da duração, nos moldes de Eckert e Rocha (2013), está ligada a esse ato de recordar, que opera por meio de uma intenção presente. A ênfase está no fato de que a imagem também contém em si essa diversidade de estruturas espaço-temporais que alimentam a memória e configuram o ato de duração.

Por intermédio do acervo de imagens da AMOVICS consegui antigas fotos da Região no intuito de reconstruir, por meio da memória dos moradores, um pedaço do passado da Região. O registro visual foi um importante recurso metodológico para construir uma “narrativa” não só sobre os espaços vividos, mas também sobre práticas cotidianas (DE CERTEAU, 2012), e estilos de vida dos moradores da região da Grande Cruzeiro.

Um levantamento histórico/imagético referente à formação inicial da região da Grande Cruzeiro foi realizado por mim junto ao acervo Associação de Moradores da Vila Cruzeiro do Sul. Lá, encontrei registros de jornais do bairro e fotografias que retratavam a paisagem urbana da Região no final dos anos 70 e início dos anos 80 que contribuíram para a minha compreensão sobre as sucessivas configurações que aconteceram no decorrer desses períodos. Esses documentos também influenciaram as narrativas de meus interlocutores sobre a formação inicial da Grande Cruzeiro, datada da década de 1950.

Andrade (2002, p. 49) diz que: “Olhamos para fotografias para resgatar o passado no presente. Existe uma magia quando imortalizamos as pessoas e o tempo nas fotos. Para as tribos urbanas, fotografias são provas de sua existência, de sua identidade e história”. As imagens apresentadas resultam da pesquisa etnográfica realizada neste estudo, tendo por objetivo registrar as transformações urbanas na Grande Cruzeiro. Elas contêm em si uma diversidade de estruturas espaço-temporais que alimentam a memória e configuram o ato de duração.

As primeiras ocupações na região da Grande Cruzeiro datam dos anos 1950 e início dos anos 1960, com a chegada de mais ou menos cem famílias, em sua grande maioria vindas de outras localidades da cidade que, vislumbram uma possibilidade de deixar de pagar aluguel, e fixar-se em nova moradia na condição de proprietário. A região da Grande Cruzeiro representava para a população das camadas mais pobres da população de Porto Alegre, a possibilidade de ascensão social, tanto pela oportunidade de emprego, de moradia própria, bem como por se tratar de uma área cuja distância era menor em relação ao centro da cidade. Esses primeiros ocupantes foram atraindo outras pessoas, dando início às primeiras ocupações na Região.

O conjunto de imagens a seguir revela detalhes das transformações da Grande Cruzeiro e dos personagens que habitam a Região, através de múltiplas temporalidades.

Referências

- ANDRADE, Rosane de. *Fotografia e Antropologia: Olhares Fora-Dentro*, São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários urbanos e suas formas de sociabilidade*. *Illuminuras: Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais*, Vol. 2, nº 4. Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2001.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Etnografia: saberes e práticas*. *Illuminuras Revista Eletrônica do BIEV/PPGAS/UFRGS*, v. 31, p. 1, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter do original *La Mémoire Collective*. Presses Universitaires de France, Paris, p. 25–47. 1990.













Afromodernidad en Sudamérica: entramados de religión y trabajo en la migración senegalesa transnacional

Resumo: Este ensayo contiene fotografías producidas en nuestra etnografía con migrantes senegaleses en ciudades de Argentina (Buenos Aires, Puerto Madryn, La Plata), Brasil (Porto Alegre) y Senegal (Dakar, Touba) desde 2012 hasta 2018, con el objetivo de construir narrativas otras sobre estos agentes de la modernidad que transforman las ciudades del sur global a partir de discursos y prácticas en apariencia sólo laborales, pero profundamente religiosos.

Palabras clave: migración senegalesa transnacional, etnografía, Mouridiyyah, comercio callejero, Sudamérica

Afromodernity in South America: religion and labour framework in Senegalese transnational migration

Abstract: This essay contains photographs produced in our ethnography with Senegalese migrants in cities of Argentina (Buenos Aires, Puerto Madryn, La Plata), Brazil (Porto Alegre) and Senegal (Dakar, Touba) from 2012 to 2018. We aim construct narratives others about these agents of modernity that transform the cities of the global south with discourses and practices that are apparently only labor, but deeply religious.

Key words: Senegalese transnational migration, ethnography, Mouridiyyah, street trading, South America



En el sur global se sitúan muchos de los procesos contemporáneos más dinámicos que producen la modernidad (Comaroff y Comaroff, 2013). En nuestra etnografía abordamos aquellos que conforman las trayectorias laborales de migrantes senegaleses/as en esta región sudamericana, como parte del campo migratorio transnacional (Suárez Navas, 2008). Con epicentros en ciudades como Buenos Aires y Porto Alegre, se registra su arribo hacia mediados de 1990 y fines de los 2000, respectivamente (Maffia, 2011; Herédia, 2015).

Entendemos estos procesos como parte de una afromodernidad que “[p]rodujo significados distintos pero claros con el propósito de dar sentido al mundo y actuar a partir de ellos, crear relaciones sociales, mercancías y formas de valor adecuadas a las circunstancias contemporáneas, no menos que aquellas sembradas por el impacto desigual del capitalismo, que primero fue colonial, luego internacional y hoy se presenta globalizado” (Comaroff y Comaroff, 2013: 25). En nuestro estudio abordamos especialmente discursos y prácticas del dominio laboral que articulan significativamente con el religioso. Ambos organizan los proyectos migratorios de los/las senegaleses/as, pero además en los contextos de destino habilitan otras formas de ocupar el espacio y disputarlo, transformando materialmente las ciudades (Segura, 2015). En el seno de las “economías informales”, estos migrantes producen nuevos significados y materialidades de trabajo, tiempo y valor, con connotaciones profundamente religiosas.

De las cofradías islámicas presentes entre los senegaleses, la Mouridiyyah –fundada a fines de 1800 por Ahmadou Bamba Mbacké (1853–1927) en Touba, Senegal– fue y es estructurante en la experiencia personal y colectiva del trabajo y la migración. Con una organización, creencia y ritual propios, fomenta una ética del trabajo que implica labores al servicio de dios, del guía espiritual y de la comunidad de pertenencia, además del trabajo remunerado mediante el cual los discípulos se sustentan, por ejemplo con el comercio callejero en las diferentes ciudades de destino. En todos estos casos el trabajo tiene un significado intrínsecamente espiritual (Ross, 2011; Babou, 2015). A través de sus redes, asociaciones y celebraciones, la Mouridiyyah auspicia como espacio de socialización y canalización de dificultades para los migrantes senegaleses.

Muchas de las dificultades que atraviesan se originan en la disputa por la ubicación de sus prácticas comerciales en la vía pública, que desafían los modelos dominantes de ciudad y sus jerarquías espaciales, provocando la activación de mecanismos de control social por parte de los sectores dominantes que apuntan a “corregir” lo que perciben como anomalías socio-urbanas (Segura, 2015; Perelman, 2017).

Estas son instancias en las que pueden intervenir los propios mecanismos mourides para la resolución de los conflictos, en la forma de ayudas materiales o espirituales. Por ejemplo, las visitas de los marabout –intermediarios entre el líder de la cofradía y sus discípulos– que viajan por el mundo reforzando las pertenencias religiosas, afianzando la estructura cofrática y brindando apoyo moral para resolver los problemas locales, mediante rezos, meditaciones y protección. Hay otras fiestas del calendario mouride en las que estas pertenencias y estatus sociales se refuerzan, como formas de movilidad, trabajo y religiosidad propias de la afromodernidad que encarnan los migrantes senegaleses en esta región. Entre ellas destaca el Gran Magal de Touba, el mayor ritual conmemorativo de la Mouridiyyah, que recuerda el exilio y persecución de Bamba por la administración colonial francesa y reúne a cientos de personas en los destinos migratorios y a millones en torno a la Gran Mezquita de Touba.

Este ensayo contiene imágenes producidas en nuestra etnografía con migrantes senegaleses en ciudades de Argentina (Buenos Aires, Puerto Madryn, La Plata), Brasil (Porto Alegre) y Senegal (Dakar, Touba) desde 2012 hasta 2018, con el objetivo de construir narrativas otras sobre estos agentes de la modernidad que transforman las ciudades del sur global. Las primeras 3 imágenes pertenecen a la visita del marabout Mame Mor Mbacké, en Buenos Aires; las siguientes 7 imágenes registran el Gran Magal de Touba en Porto Alegre; las 4 que siguen el trabajo en el comercio callejero en Puerto Madryn y La Plata; las últimas 5 imágenes registran situaciones de comercio y religiosidad en Dakar, así como el Gran Magal de Touba en Touba.

Referências

- BABOU, Cheikh Anta. The Murid Ethic and the Spirit of Entrepreneurship: Faith, Business and Mobility among Murid immigrants in Gabon. DRI Conference, University of Pennsylvania, 2015.
- COMAROFF, Jean y COMAROFF, John L. Teoría desde el sur: o cómo los países centrales evolucionan hacia África. Buenos Aires: Siglo XX, 2013.
- HERÉDIA, Vania. Migrações internacionais. O caso dos senegaleses no sul do Brasil. Caxias do Sul: Bela-Letras, 2015.
- MAFFIA, Marta. 2011. La migración subsahariana hacia Argentina: desde los caboverdianos hasta los nuevos inmigrantes del siglo XXI. In: R. Mercado, G. Catterberg (coord.), Aportes para el desarrollo humano en Argentina 2011: Afrodescendientes y africanos en Argentina. Buenos Aires: PNUD. p. 53–89.
- PERELMAN, Marcela. 2017. “Gramática de la vida y el trabajo en la calle”. In: M. V. Pita, M. I. Pacecca (coord.), Territorios de control policial: gestión de ilegalismos en la Ciudad de Buenos Aires. Buenos Aires: EUFyL. p. 11–20.
- ROSS, Eric. Globalising Touba: Expatriate Disciples in the World City Network. Urban Studies, v. 48, n. 19, p. 2929–2952, 2011.
- SEGURA, Ramiro. Vivir afuera: antropología de la experiencia urbana. San Martín: UNSAM Edita, 2015.
- SUAREZ NAVAS, Liliana. “La perspectiva transnacional en los estudios migratorios: Génesis, derroteros y surcos metodológicos”. In: J. García Roca, J. Lacomba Vázquez (coord.), La inmigración en la sociedad española: una radiografía multidisciplinar. España: Ediciones Bellaterra, 2008, p. 771–796.











Amanda Stephanie Garcia de Carvalho Gomes
Carlos Eduardo da Silva Lopes
Clarice Maia de Amorim
Eloisa Lemos
Fernanda Rechenberg
Giselle Silvestre da Silva
Josivaldo Rodrigues de Oliveira
Larissa Vanessa Santos Correia
Maristela Marques Santos
Tamara Roque Caetano
Tayná Almeida de Paula



Na boca do mercado

Resumo: Este ensaio resulta de uma experiência fotoetnográfica proposta na disciplina de Antropologia Audiovisual (ICS/UFAL). Paralelo às leituras da disciplina, o grupo se engajou em um trabalho fotográfico buscando vivenciar os desafios, dilemas, reflexões e sentimentos vividos na prática de pesquisa com imagens. O resultado foi um trabalho fotográfico no Mercado da Produção de Maceió, locus central nas trocas alimentares e sociais urbanas e um pólo afetivo para trabalhadores e frequentadores.

Palavras-chave: cidade, mercado, fotoetnografia, Maceió

In the “market mouth”

Abstract: This essay is the result of a photoethnographic experience proposed in the discipline of Audiovisual Anthropology (ICS/UFAL). Parallel to the readings of the discipline, the group engaged in a photographic work seeking to experience the challenges, dilemmas, reflections and feelings experienced in the practice of research with images. The result was a photographic work in the Production Market of Maceió, central locus in the social and alimentary exchanges and na affective pole for workers and costumers.

Key words: city, market, photoethnography, Maceió

A boca fala, a boca come, a boca experimenta. Nos mercados, toda experiência é sensorial: há cheiros em demasia, há sons que se entrecruzam, há cores explosivas, há formas, há gostos e sabores. O Mercado da Produção, em Maceió, se espalha nessa intensidade. Não se chega direto ao mercado: os caminhos serpenteiam pelas bordas, bocas e margens.

Confusão aparente, caos, ordem subjacente.

A estrutura do mercado não se resume aos perfis de alumínio, às madeiras, lonas e demais materiais que se empilham formando as barracas. A estrutura do mercado é vida: são as pessoas, suas histórias e a relação que desenvolveram com esse lugar que se entrelaçam, fornecendo-o forma e sustentação. Inaugurado em 1939 no prédio que abriga hoje o Mercado do Artesanato, o Mercado da Produção mudou, no final da década de 1970, para o prédio atual, em frente ao antigo. Toda a região da Levada, outrora alagadiça, se expande sobre aterros e se mistura em trocas sociais, afetivas, alimentares, ambientais, em torno do mercado.

Este ensaio resulta de uma experiência fotoetnográfica proposta na disciplina de Antropologia Audiovisual, ministrada em 2019 no Instituto de Ciências Sociais (UFAL). Paralelo às leituras da disciplina, o grupo de estudantes se engajou em um trabalho fotográfico buscando vivenciar os desafios, dilemas, reflexões e sentimentos vividos na prática de pesquisa com imagens.

A pesquisa, inicial e exploratória, orientou um percurso metodológico no trabalho com imagens: definido o tema, fizemos a primeira saída coletiva no mercado. De manhã cedo, perambulamos o espaço sem câmera, sem papel, sem caneta. No ambiente quente e úmido, nos corredores diversos, escutamos sons e histórias de vida que impregnam o mercado de afetos, sentimos os cheiros que entravam em nossos corpos e aumentavam de intensidade à medida que as horas passavam. Vimos cenas, retratos, cores, formas e movimentos. Com essa experiência e carregando os sentidos na memória, definimos alguns eixos a partir dos quais iríamos retratar o mercado: os comerciantes, o entorno do mercado e a proximidade com o trem, a variedade dos produtos, os corredores, a sociabilidade, as trocas e os gestos, a forte presença dos animais.

Em saídas coletivas, individuais, em duplas ou em trios, retornamos ao mercado para retratar diferentes aspectos. A cada nova imersão no mercado, detalhes eram descobertos, interações aprofundadas. Novas ideias, novas imagens, novas leituras e percepções. Diante dos eixos selecionados, experimentamos diferentes modalidades da linguagem fotográfica: os retratos, os planos fechados e abertos, o olhar que se desloca ao rés do chão e às estruturas metálicas do teto, a perspectiva, os panoramas.

Os panoramas e os planos abertos nos ajudaram tanto a ampliar o espectro visual na representação da extensão do mercado, como a detalhar a estreiteza de seus becos, portas e caminhos a percorrer. Margeando as bordas do mercado, documentamos o trem que atravessa a cidade e em cujo entorno as trocas se avivam: a florista monta sua banca, um senhor descansa na mureta, transeuntes passam por entre os trilhos. Amiúde, o apito soa alto em meio ao zunzum de carros, motos, carroças e pessoas no cruzamento, e à voz de um conhecido vendedor de pesticidas que insiste, no microfone: “ainda tem veneno!”. Mas o trem não é mais o de outrora, janelas abertas e vagar lento nos trilhos que serviam de suporte para inusitadas práticas comerciais. O atual VLT (veículo leve sobre trilhos) é um símbolo curioso de modernidade em meio a um cenário em que predominam os arranjos materiais efêmeros e informais.

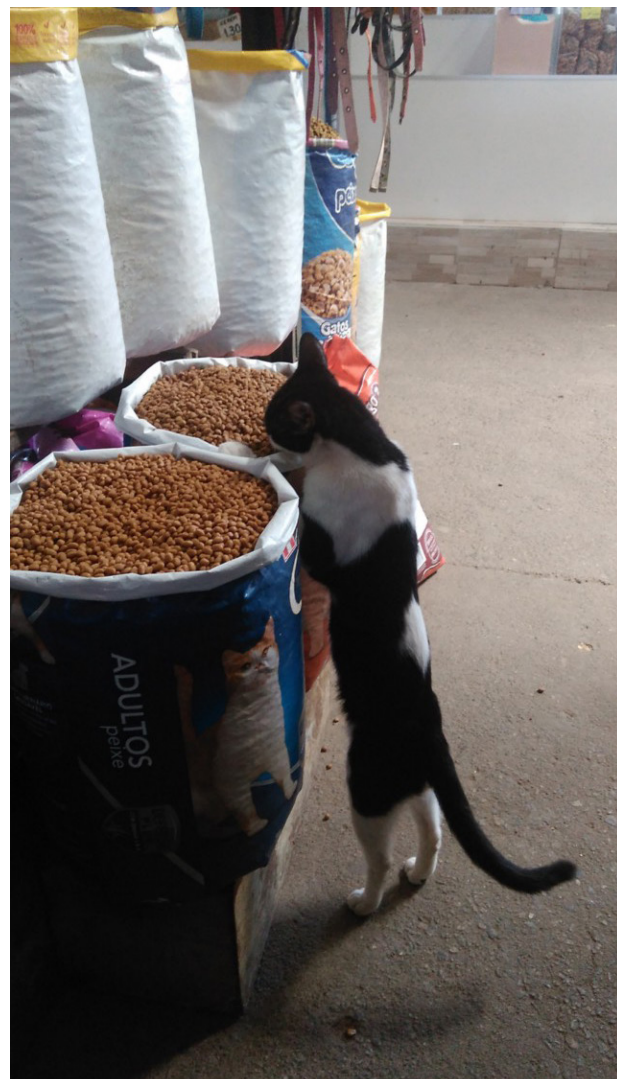
Nas interações fotoetnográficas, descobrimos que para muitos, a presença no mercado tem a duração de uma vida: trabalhadores e compradores que acompanharam as mudanças e modulações nas formas do mercado ao longo de décadas. As conversas prolongadas na produção dos retratos revelaram trajetórias diversas, e um mercado que nutre não apenas os corpos, o manter-se vivo, mas as relações afetivas, de sociabilidade e parentesco. As formas do mercado consolidam os laços duradouros dos trabalhadores e fregueses antigos, mas também oportunizam a emergência cotidiana do novo, dos recém chegados e suas táticas de se manter vivo na cidade, fazendo e desfazendo bancas e pequenos negócios.

Essas e outras fotografias integraram a exposição “Tecendo sentidos: fotografia e experiência etnográfica”, durante os meses de abril e maio no Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, em Maceió. Nosso agradecimento a todos os trabalhadores e consumidores do Mercado da Produção, em especial àqueles que aceitaram serem retratados: Alisandro, Arlete, Benedita, Cícero, Cleide, Dita, Everaldo, Eziel, Gilvan, Josefa, José Bezerra, José Gonçalo, Keyla, Larissa, Marineusa, Marta, Selma, Severino e Socorro.











Átila Alexius¹
Ana Luiza Carvalho da Rocha²

Cidade, cotidiano e personagens do metrô de Porto Alegre

Resumo: Este ensaio é construído a partir do estudo etnográfico realizado nas estações do Metrô de Porto Alegre, gerada através da experiência vivida em viagens de estudo, trabalho e pesquisa através de itinerários distintos pelas plataformas de embarque e desembarque. A fotoetnografia acontece no momento de apreensão do que ocorre cotidianamente nas estações do metrô.

Palavras-chave: antropologia urbana, cotidiano, fotografia, metrô.

Afromodernity in South America: religion and labour framework in Senegalese transnational migration

Abstract: This paper is based on the ethnographic study developed at the train stations of Porto Alegre, through the experience of study, work and research trips through different routes through the boarding and alighting train-platforms. Photoethnography happens at the moment of apprehension of what happens daily in the train stations.

Key words: urban anthropology, daily routine, photography, train.

¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale (PROSUC/CAPES).

CV: <http://lattes.cnpq.br/6390656642917941>

² Professora no Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale.

CV: <http://lattes.cnpq.br/5633849867865936>

Em 1980, foi criada a Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre S.A. (TRENSURB) para implantar e operar uma linha de trens urbanos no eixo Norte da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) no estado brasileiro do Rio Grande do Sul. O metrô possui 43,4 km de extensão, com vinte e duas estações distribuídas nos municípios de Porto Alegre, Canoas, Esteio, Sapucaia do Sul, São Leopoldo e Novo Hamburgo.

O sistema de integração ônibus-trem, estações próximas a rodoviárias e através de um aeromóvel ligada ao Aeroporto Internacional Salgado Filho potencializaram o uso deste meio de transporte ao longo dos anos. Dados fornecidos pela Empresa sobre o ano de 2016 apontam que os horários com o maior número de passageiros nas estações são entre 6h e 8h da manhã e entre 17h e 19h. No mês de outubro do mesmo ano, foram transportados 192.068 passageiros por dia útil, apontou que os horários de maior fluxo no sistema eram: pela manhã, das 6h45 às 7h45, quando havia, em média, o embarque de 23 mil passageiros; à tarde/noite, das 17h30 às 18h30, quando havia 24 mil embarques. Estes dados revelam um fluxo maior de passageiros em horários relacionados ao começo do expediente de trabalho e de estudo, assim como o término. Evidenciando o metrô e os horários com maiores fluxos relacionados a movimentos pendulares. Este aspecto, como demonstram Ojima et al. (2014), é importante para entender os processos de metropolização, pois permitem verificar o grau de extensão da circularidade de pessoas em uma determinada região. Em 2018, a Transurb transportou 51.751.903 passageiros, o que equivale a uma média de 4.312.659 passageiros mensais. A média de usuários transportados por dia útil foi de 171.205.

A fim de potencializar a análise deste espaço na metrópole foram realizados estudos exploratórios e a produção de um diário de campo com o objetivo de traçar itinerários de imersão para captar através da fotografia os fluxos dos passageiros, registrar a paisagem que se apresenta, o cotidiano. Desta forma, este ensaio/pesquisa se insere na linha de estudos de antropologia urbana, através de uma etnografia que acontece de dentro para fora, de perto e de longe.

A elaboração de itinerários de imersão no campo foram criados a partir de diversas ocorrências operacionais e registros de diário de campo que aferiram e indicavam a posição que o pesquisador deveria estar para captar a imagem.

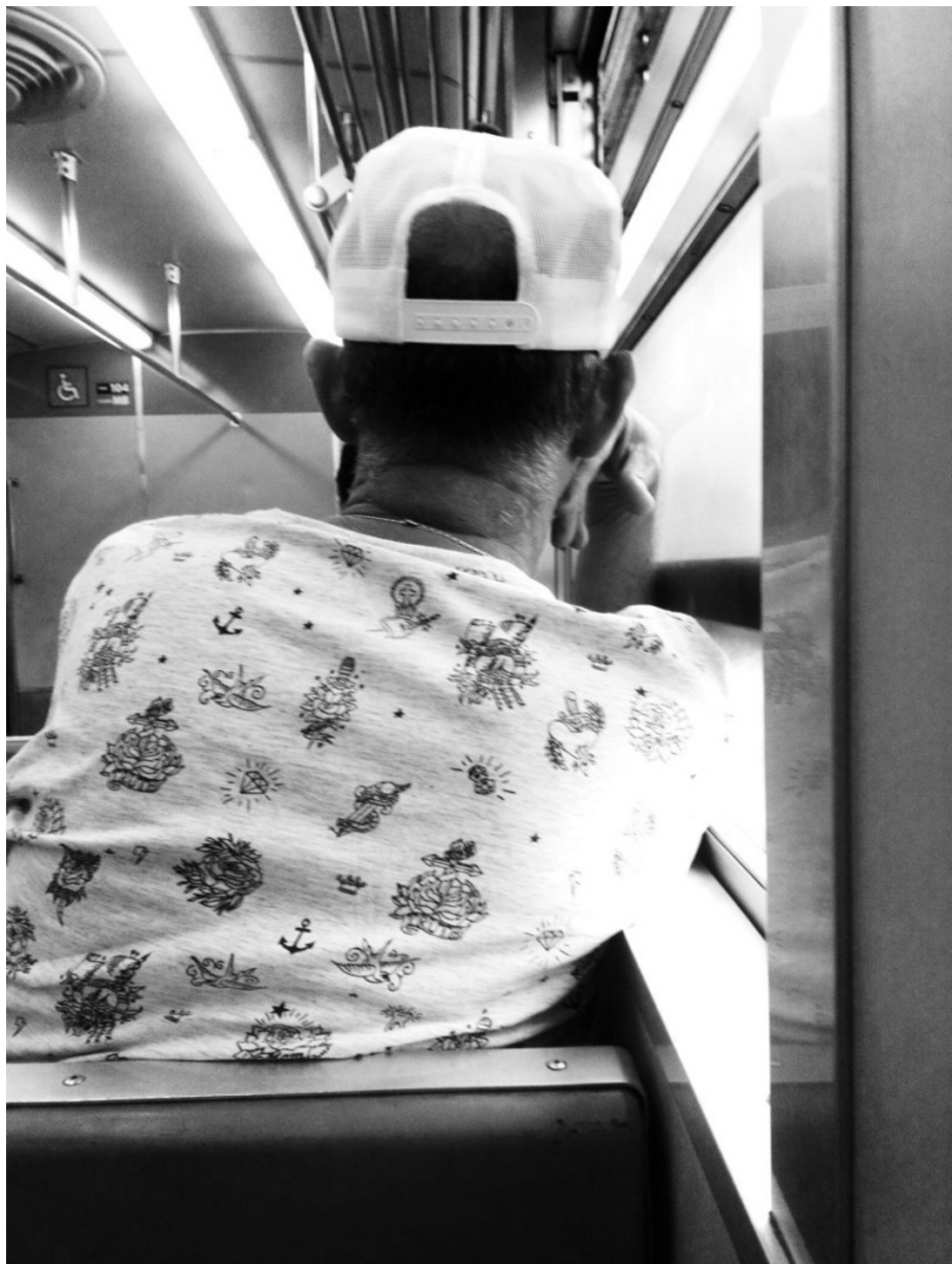
A fotoetnografia (ACHUTTI, 1997) acontece como modo de apreensão do que ocorre cotidianamente nas plataformas de embarque e desembarque. Em constante movimento e com a câmera pendurada no pescoço e um celular na mão, a fotografia acontece no momento de fluxo intenso ou esvaziamento do espaço. No tempo transcorrido entre um disparo e outro e entre uma experiência e outra.

Este ensaio é construído a partir do estudo etnográfico realizado nas estações do Metrô de Porto Alegre, gerada através da experiência vivida em viagens de estudo, trabalho e pesquisa através de itinerários distintos pelas plataformas de embarque e desembarque.

Referências

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1997.
- OJIMA.R; S. B. R; PEREIRA. R. H. M. A Mobilidade Pendular na Definição das Cidades-Dormitório: caracterização sociodemográfica e novas territorialidades no contexto da urbanização brasileira. Disponível em :< https://www.academia.edu/5152160/A_mobilidade_pendular_na_definicao%C3%A7%C3%A3o_das_cidades-dormit%C3%B3rio_caracteriza%C3%A7%C3%A3o_sociodemogr%C3%A1fica_e_novas_territorialidades_no_contexto_da_urbaniza%C3%A7%C3%A3o_brasileira> Acesso em: 01 de junho de 2019.













A Morte do Carvão

Resumo: “A Morte do Carvão” foi uma intervenção artística urbana realizada por uma teia de moradores contra o projeto “Mina Guaíba” em Porto Alegre—RS. Devido à realização de um seminário acerca do projeto no dia 14 de maio de 2019 no Hotel Plaza São Rafael na avenida Alberto Bins, foi feita uma intervenção esteticamente inspirada nas alianças firmadas na COP 23 para eliminação global do uso da matriz energética carbonífera até 2030. Além de expor informações sobre o projeto, o ensaio explora, textual e visualmente, as táticas cotidianas dos interventores a fim de serem vistos em contextos de possível repressão às manifestações públicas contra grandes empreendimentos.

Palavras-chave: Intervenção Urbana; Mina Guaíba; Carvão; Manifestação.

The Death of Coal

Abstract: “The Death of the Coal” was an urban artistic intervention carried out by a web of people against the “Mina Guaíba” project in Porto Alegre—RS. Due to a seminar about the project on May 14, 2019, at the Hotel Plaza São Rafael on Alberto Bins Avenue, an aesthetic intervention was made inspired by the alliances signed at COP 23 for the global elimination of the use of the coal energy matrix until 2030. Besides exposing information about the project, the essay explores, textual and visually, the daily tactics of the interveners in order to be seen in contexts of possible repression of public demonstrations against large enterprises.

Key words: Urban Intervention; Mina Guaíba; Coal; Manifestation.

¹ Graduando em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como pesquisador na área de inovação tecnológica e produção científica na construção de coleções etnográficas hipermídia no Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/PPGAS/UFRGS).

Há algum tempo, participo de diferentes frentes de resistência de moradores contra empreendimentos que possam afetar o dito “meio ambiente” tanto em Porto Alegre quanto em cidades próximas. Iniciei algumas etnografias situacionais contra o desmatamento de um remanescente de mata atlântica na orla dos bairros Ipanema e Espírito Santo e, contribuindo com meus interlocutores, fui levado a seguir os atores nas suas complexas teias de aliança que se desenrolavam em diferentes agrupamentos de resistência. Estávamos criando frentes de luta feitas por moradores de bairro agrupados em torno do coletivo chamado “Preserva Zona Sul” a qual pertenço enquanto colaborador.

Embora estivéssemos criando uma rede de apoio de diversas lutas heterogêneas na zona sul da cidade, estávamos frente a possibilidade de instalação do projeto “Mina Guaíba” pela mineradora Copelmi e a empresa chinesa Zhejiang Energy Group. Atuando por alguns meses na divulgação de informações acerca do projeto com um coletivo de advogados e alguns moradores do Assentamento Apolônio de Carvalho, fiquei espantado com as informações que aprendi durante esse tempo.

O projeto pretende ser instalado nos municípios de Eldorado do Sul e Charqueadas às margens do rio Jacuí para extrair, durante 30 anos, carvão mineral, areia e cascalho a cerca de 20 quilômetros do centro de Porto Alegre. Esta seria a maior mina de carvão a céu aberto do país com a extração de 166 milhões de toneladas do material apenas na primeira fase do projeto: estima-se que o projeto teria 4,5 mil hectares, o que equivale a 6,3 mil campos de futebol. Após a primeira instalação extrativista, o projeto pretende criar um polo carboquímico com usinas termoelétricas e indústrias de produção de fertilizantes químicos a partir da matéria extraída.

O projeto, atualmente, está em processo de licenciamento junto à Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luiz Roessler (Fepam). Na China, as políticas estatais adotam leis ambientais rígidas para redução do uso de carvão e, como consequência, algumas empresas aproveitam suas instalações obsoletas transferindo-as ao Brasil. As pressões mundiais nos ditos “países em desenvolvimento” em relação à exploração carbonífera aumentaram na segunda década do século XXI: seguindo o Acordo de Paris acerca das reduções de emissão de gases do efeito estufa, o Reino Unido encerrou as atividades em 2015 e a Alemanha abandonou o uso de carvão em 2018.

Para além da assustadora dimensão do empreendimento, sua localização ameaça a existência de várias socioambiências próximas da instalação. O rio Jacuí é um dos maiores afluentes da bacia hidrográfica do Guaíba e a magnitude do empreendimento desafia a constituição ambiental que prevê o uso difuso dos recursos hídricos (SOARES, 2011). Três reservas ambientais—o Parque Estadual do Delta do Jacuí, a Área de Proteção Ambiental Delta do Jacuí e a Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (aprovada pelo governo brasileiro e pela Organização das Nações Unidas—ONU)—estão localizados aproximadamente 10 km do empreendimento conforme dados extraídos do Google Earth. Os produtores locais do arroz agroecológico Terra Livre estão ameaçados devido a contaminação de sua colheita que produz uma das maiores safras do grão na América Latina livre de agrotóxicos. Segundo levantamento realizado pelo Movimento Pela Soberania Popular na Mineração (MAM), há pelo menos 88 assentamentos localizados na Região Metropolitana de Porto Alegre e na área do Pampa e esses podem ser atingidos diretamente por projetos de mineração.

Enquanto rede, participamos da construção de um dos primeiros veículos de informação sobre a causa através das redes sociais e do trabalho corpo-a-corpo. Eu lembro do alarde quando a notícia saiu: havia muita gente desesperada perante o absurdo silencioso de um projeto que avançava irrestritamente. À medida que o tempo passava e criávamos material visual contra o empreendimento, grandes veículos informacionais noticiavam o projeto através das formas discursivas típicas da modernização ecológica (MOL, 2000): todo controle do risco (BECK, 1992) que afeta humanos e não-humanos era justificado por mais avanços tecnológicos que supostamente conteriam os impactos. Mesmo sem a realização de nenhuma audiência pública nas cidades afetadas, havia um seminário denominado “Novos aproveitamos para o carvão mineral do RS—Tecnologias Inovadoras” programado para o dia 14 de maio promovido pela Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul (SERGS) com o objetivo de debater a implantação do Polo Carboquímico após a construção da “Mina Guaíba”.

Foi a partir dessa oportunidade que surgiu um levante: se tornariam públicos, através de uma intervenção urbana, os passos cotidianos de vários militantes que fazem parte dessa rede há meses. A partir da experiência de militantes do Greenpeace, emergiu a ideia de convocar um ato estético chamado “A Morte do Carvão” inspirado pela aliança formada na COP 23 para eliminação global do uso dessa matriz energética até 2030. Além da intervenção fazer parte de uma vasta teia nacional que interfere nos empreendimentos carboníferos através de intervenções artísticas, o ato foi organizado a fim de conter o “fator surpresa” ao invés de almejar um movimento de massa. Em outras palavras, a manifestação surpresa e artística era uma tática (DE CERTEAU, 1994) de ação em contextos de reprimenda estatal perante grandes empreendimentos de alto impacto socioambiental.

Lembro-me do medo de todos nós, já que o evento era organizado no Hotel Plaza São Rafael na avenida Alberto Bins. No dia anterior, a rádio Gaúcha havia noticiado sobre uma suspeita de um artefato explosivo encontrado nas mediações da rua, o que mostra a situação de tensão coletiva desses meses de 2019. Mesmo depois de descobrirem que era apenas uma antiga panela que havia sido abandonada por moradores do centro histórico da cidade, a rua continuou interditada por um tempo significativo. Havia a necessidade de ser pontual e certo mesmo a presença de duas advogadas durante toda intervenção.

Contra o “Carvão de Troia”—como a mina popularmente tem sido chamada –, a repercussão midiática era o objetivo a ser alcançado e, por isso, a etnografia visual que eu pratico situacionalmente com esses grupos se tornou uma forma de fazer-ver imagens reprimidas que se levantam contra o silêncio. Uma das responsabilidades que recebi nesse dia foi de coordenar o final das atividades performativas logo que o material visual fosse captado. Por causa da incerteza da violência, fui convidado a registrar os bastidores da montagem da performance em que colaboradores vestiam macacão branco com máscaras de gás para simular “funcionários da mineradora” acompanhados da “Morte”.

Não conseguimos entrar no evento, mas, pelas imagens, fomos além.



Referências

BECK, U. Risk Society: Towards a New Modernity. Londres: Sage, 1992.

DE CERTEAU, Michel. A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer (vol. 1). Rio de Janeiro: Petrópolis, 1994.

MOL, Arthur P. J. Globalização e a mudança dos modelos de controle e poluição industrial. In: HERCULANO, S. et al. (Orgs.). Qualidade de vida e riscos ambientais. Niterói, EdUFF, 2000, p. 267–280.

SOARES, Ana Paula M. A outorga de direito de uso de recursos hídricos. 2011 Disponível em: <<http://instituto-anthropos.blogspot.com.br/search/label/Publicações>>. Acesso em: 07 de jun. 2019.





CARVÃO



2030







HOTEL
PLAZA
SÃO RAFAEL

A vida

Ass

CARV



2030

Ricardo Figueiró Cruz

Amor e devoção: a procissão em homenagem a São Benedito, na irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo/SP

Resumo: A cidade é composta de muitos sentidos, e o percorrer essas ruas nos leva acruzar com o cotidiano, de uma paisagem que não é tua habitualmente. A partir dessa relação com a cidade foi produzido esse ensaio, que toma como base uma festividade Católica, em homenagem a São Benedito, que foi realizada na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Prestos de São Paulo/SP.

Palavras-chave: cotidiano; cidade; religiosidade; fotoetnografia.

LOVE AND DEVOTION: PROCESSION IN TRIBUTE TO SÃO BENEDITO, IN THE BROTHERHOOD OF NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO OF THE BLACK MEN OF SÃO PAULO/SP

Abstract: The city is composed of many senses, and walking through these streets leads us to cross with the everyday, a landscape that is not yours usually. Based on this relationship with the city, this essay was produced, based on a Catholic feast, in homage to Saint Benedict, which was held at the Brotherhood of Our Lady of the Rosary of the Men Prestos of São Paulo.

Key words: everyday; City; religiosity; photoethnography.



A cidade acolhe seus passos, e ela passa a existir na existência deste que vive, na instância de seu itinerário, um traçado que encobre um sentido, algo que será desvendado ao seu final. Espaços, cheiros, barulhos, pessoas, objetos e naturezas que o caminhante experiencia em sua itinerância, não sem figuras pré-concebidas. (ROCHA; ECKERT, 2003, p. 1)

Sentir e caminhar pela cidade de São Paulo pela primeira vez é algo poético e, ao mesmo tempo, sombrio. Entrar na maior cidade da América Latina, capital econômica do Brasil, com maior número de habitantes, desperta a sensação de tentar descobri-la. Uma cidade cosmopolita, na qual a diversidade emerge sem paradigma nenhum. A cidade é alta, pichada, imponente e silenciosa.

Andar domingo pela manhã no centro da cidade se torna algo imprevisível. Ao deslocar-se a pé, à espera do hotel ficar “pronto”, faz com que emergja no espaço urbano e cruze com seu cotidiano. Ao descer a rua Dom José de Barros, localizada a cerca de duzentos metros da Estação da República, um grande calçadão, que não tem a circulação de carro, cruzamos observando seus prédios, seu comércio fechado, cidade vazia, destoando do que imaginamos encontrar.

No fim dessa rua avistamos uma igreja (Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos), no centro de uma praça, o Largo Paçandu. Praça esta com bastantes árvores e passeios, que direcionavam para uma pequena igreja amarela, ornamentada com detalhes em branco e uma única torre ao centro. Ao se aproximar desta igreja, percebe-se que estava com certo movimento. O que chamou a atenção era as pessoas que compunham esse ritual, que majoritariamente era composta por negros.

Outro detalhe dessa festividade eram as roupas. Mulheres bem vestidas de saias, logo abaixo do joelho, saltos, blazers, maquiagem e cabelos bem arrumados. Os homens, de terno, gravata e sapato. Mas também eram vistos mulheres e homens com trajes típicos africano, e pessoas com trajes do cotidiano.

Observar e entender o que estava acontecendo ao entorno daquela igreja, fez com que nos aproximássemos e até mesmo entrasse para a missa. A celebração era em homenagem a São Benedito, santo negro, “filho de escravos etíopes, nasce em Portugal, vive em um convento e depois da sua morte passa a ser considerado um taumaturgo, angaria devotos tanto no Reino quanto no Brasil, antes mesmo da sua canonização”, conforme mostra Araújo (2018, p. 1).

Antes da missa, a celebração sai em procissão ao redor do Largo Paçandu, puxada por um grupo de coroinhas, seguidos por membros da Irmandade, de um grupo de maracatu e membros de outras irmandades de cidades vizinhas que são representadas com seus estandartes. Ao som de foguetes e tambores do maracatu, esse percurso é feito.

A procissão se posiciona para entrar na Igreja, o lado esquerdo está reservado para os membros das irmandades, enquanto o lado direito já está lotado de fiéis. Após a entrada das irmandades, entram os coroinhas e o padre. Ao som de um canto para São Benedito, a imagem do santo entra na igreja.

Esta produção fotográfica teve como inspiração os conceitos cunhados por Achutti (1997; 2004), de fotoetnografia, produção de narrativas visuais, cujas composições das fotos encaminhariam a percepção da história narrada, na qual me inspirou para dar encaminhamento na dissertação, e ao mesmo tempo base para outras produções como esta, feita em 29 de abril de 2018, na cidade de São Paulo/SP.

Com isso, perceber a devoção e o amor, por uma festividade que envolve, não somente um recorte religioso, levando em consideração que de acordo com o Censo do IBGE 2010, o índice de Católicos no Brasil é de 64,6%, apresentando uma tendência de redução para os próximos levantamentos, mas também um recorte étnico-racial, pois se apresenta a devoção a um santo negro, na qual a maioria dos fiéis presentes na cerimônia também o são.

Sendo assim, caminhar pela cidade é desbravá-la, seguir o percurso das ruas, das intuições que a cidade evidência, mostra o quanto ela é complexa e sua estrutura estabelece uma relação de aproximação, medo e euforia, ao descortinar seus percursos.

O personagem baudelairiano, o flâneur, caminha na cidade: um percurso sem compromissos, sem destino fixo. O estado de alma deste personagem-tipo é de indiferença, mas seus passos traçam uma trajetória, um itinerário que concebe a cidade, o movimento urbano, a massa efêmera, o processo de civilização. Logo, esta não é uma caminhada inocente. A cidade é estrutura e relações sociais, economia e mercado; é política, estética e poesia. A cidade é igualmente tensão, anonimato, indiferença, desprezo, agonia, crise e violência. (ROCHA; ECKERT, 2003, p. 1)

Referências

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. Fotoetnografia: um estudo de Antropologia Visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre. Tomo Editorial; Palmarinca: 1997.
- _____. Fotoetnografia da Biblioteca Jardim. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Tomo Editorial, 2004.
- ARAÚJO, Fabíola Pereira de. São Benedito: Santo ou negro?—A troca de um santo negro por uma santa branca na cidade de Encruzilhada. In.: http://www.uesc.br/eventos/cicloshistoricos/anaais/fabiola_pereira_de_araujo.pdf—acessado em 15/06/2019.
- IBGE. Censo 2010. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/137>>. Acesso em: 16 de jun. 2019.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. In: Iluminuras. Porto Alegre, vol. 4, nº. 7, 2003.









“Estou ao lado do açougue”: construindo narrativas etnográficas de espaços cotidianos

Resumo: Luiz está sentado numa cadeira, em frente à sua loja, ao lado do açougue. Este ensaio visual busca tratar sobre um pequeno espaço da Praça Marechal Deodoro, Viçosa (MG). É nesse lugar que Luiz trabalha, constrói dois pontos no espaço, inventa seu próprio mapa e se coloca na paisagem cotidiana da cidade.

Palavras-chave: Espaço urbano; Produção do espaço; Cotidiano

“I’m next to the butcher’s”: constructing ethnographic narratives of everyday spaces”

Abstract: Luiz is in a chair, in front of his store, next to the butcher’s. This visual essay seeks to deal with a small space in the Praça Marechal Deodoro, Viçosa (MG). In this place Luiz works, builds two points in space, invents his own map and places himself in the everyday landscape of the city.

Key words: Urban space; Production of space; Everyday life



¹ Graduando em Ciências Sociais, Universidade Federal de Viçosa (UFV). Trabalho realizado junto ao projeto “Narrar a cidade: a poética e a política do cotidiano, experimentações em antropologia urbana”, orientado por Douglas Mansur da Silva. Email: jefercarvsilva@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0211950272893852>

“Estou ao lado do açougue”

“Ah, se eu for parar pra contar minha história pra você, rapaz, eu não posso nem trabalhar não, vou ter que tirar um dia, de tanta coisa que tem. Nossa senhora!”. Luiz nasceu em Presidente Bernardes (MG), “cidade vizinha de Viçosa (MG)”, foi criado no Rio de Janeiro, morou durante dezoito anos em Belo Horizonte. Saindo de lá, veio para Viçosa e há sete anos trabalha no mesmo lugar.

Em uma portinha estreita, espremida entre um açougue e uma pensão, vende um tanto de coisas, das mais variadas: óculos, panos de prato, chinelos, cintos, chapéus, bolsas, meias, luvas, cuecas, cadarços, além de trocar correias de chinelo quebradas. Do outro lado da rua, atrás do ponto de ônibus e junto às paredes em ruínas do antigo hotel da cidade, monta uma barraquinha onde vende laranjas e mexericas. O vendedor esboça um mapa no local. Ligando os dois espaços, cria suas próprias placas indicando sua localização, para que o encontrem quando não estiver na barraquinha.

Luiz conta que começou aos poucos: “Teve aquela luta aí né, fui pra feira final de semana, vendendo nada direito”, então, “coloquei umas coisinhas poucas aqui na rua, fiquei mais ou menos um ano trabalhando aqui com essas coisinhas aí, depois aquela lojinha tava fechada eu fui e abri ela, aluguei do cara e já tem sete anos que eu tô ali dentro”.

Pergunto se já houve alguma interferência da Prefeitura em seu trabalho e ele responde: “Já mexeram várias vezes né, mas deles abordarem mercadoria minha e levar foi só uma vez. Isso aí eles é chato, mas não é só aqui não: é São Paulo, é Belo Horizonte, é Rio, qualquer lugar eles mexe. Trabalhei muito tempo de ambulante no Rio, há muitos anos, mais duns quinze anos. Durante a minha vida no Rio eu trabalhei de ambulante. Sempre gostei de trabalhar em feira, mas agora não trabalho em feira mais não, trabalho só em ponto”.

Produção de espaços cotidianos

A cidade, em sua constante articulação fragmentária de espaços, nos conta sobre si através das pedras de suas calçadas, dos objetos jogados em seus acostamentos, das placas que nos mostram seus caminhos, dos passos que se perdem neles, dos encontros com sua matéria efêmera e cotidiana. Ela se faz nas maneiras inventivas com que sua materialidade é ocupada e construída cotidianamente.

A dimensão material da cidade e de seus espaços se encontra impregnada, e indissociável, de relações sociais e simbólicas. Os espaços se encontram em constante transformação e produção, eles carregam em si uma dinâmica própria que dialoga com as formas com que pessoas e objetos agem sobre e com sua matéria. “Isso quer dizer que o espaço não é uma coisa, mas um conjunto de relações entre as coisas . Produzir espaço significa, portanto, colocar em relação coisas” (URIARTE, 2014, p.116).

Os habitantes de uma cidade, em suas práticas cotidianas, utilizam os espaços urbanos de outras maneiras que não as que são impostas, porém não se limitam a isso, pois são capazes também de produzir coisas e espaços outros (URIARTE, 2014). Assim como Luiz, mesmo sem perceber, no seu “corpo a corpo” cotidiano, entrelaçam a composição de uma história múltipla que tem sua formação cunhada nos fragmentos de trajetórias e espaços, em um movimento poético estranho a imposições totalizantes (CERTEAU, 2014).

Narrativas de espaço

Rolnik (2012) nos diz que a cidade pode ser lida como um texto, que seus espaços podem nos contar pedaços de suas próprias histórias. Assim, a observação do que se passa nos espaços de uma cidade pode nos colocar em contato com as configurações das relações ali estabelecidas, com a efemeridade, com suas dimensões conflituosas e dramáticas (ARANTES, 2000).

Dessa forma, narrar a cidade e os eventos que ocorrem em seus espaços, nos envolve numa atmosfera não linear, feita em retalhos, onde conjuntos de narrativas “bricoladas” tecem as tentativas articuladoras de dizer sobre lugares desconexos e complementares, na formação de um todo que é a própria cidade. De narrar histórias que se cruzam e se espalham por uma malha estendida sobre as pedras, o asfalto, a memória e a imaginação inventiva das pessoas que transitam e constroem suas ruas diariamente, impregnando-as com seus símbolos. Desse modo, relatar a cidade é uma forma de, constantemente, fundar seus espaços (CERTEAU, 2014).

Localizar a produção de narrativas etnográficas nesses contextos nos coloca em um ato de imersão, num mergulho no emaranhado de espaços e narrativas cotidianas em constante processo de construção. Espaços, pessoas e objetos, inventivamente, se tornam protagonistas de suas próprias histórias. Apropriando-se de uma matéria anterior, rígida e impositiva, configurando suas relações políticas, sociais e simbólicas, acabam por fazer-se a si mesmos e o seu entorno. Nesse sentido: “a etnografia de um espaço social não pode ser senão a etnografia do que se passa nele” (SANTOS; VOGEL, 1985, p. 49).

Referências

- ARANTES, Antonio Augusto. Paisagens paulistanas: transformações do espaço público . Campinas: Editora da Unicamp. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.
- CERTEAU, Michel de. Terceira parte: práticas de espaço. In: _____. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer . 22. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- ROLNIK, Raquel. O que é cidade . 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos; VOGEL, Arno. Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro . 3. ed. São Paulo: Projeto FINEP/IBAM, 1985.
- URIARTE, Urpi Montoya. Produção do espaço urbano pelos homens ordinários: antropologia de dois micro-espaços na cidade de Salvador. Revista Iluminuras , v. 15, n. 36, p. 115–134, 2014.











Marielen Baldissera¹

Academia Physical: Jonas e Tubarão



Resumo: O corpo humano pode ser considerado um meio visual de expressão dos indivíduos, nesse contexto, a prática da musculação e hipertrofia muscular é uma possibilidade de criação de si mesmo. Neste ensaio apresento dois personagens urbanos que trabalham com um modelo idealizado de corpo masculino por meio do levantamento de peso e do fisiculturismo. A masculinidade associada à força física aparece como uma virtude almejada nesse estilo de vida. As fotografias têm como cenário uma academia de musculação no centro de Porto Alegre.

Palavras-chave: Antropologia Visual, corpo, masculinidade, fotografia, gênero.

“Physical” gym: Jonas and Tubarão

Abstract: *The human body can be considered as a visual medium of individual expression. The practice of bodybuilding and muscle hypertrophy is a possibility of self-creation. In this essay I present two urban characters who work with an idealized model of male body, through powerlifting and bodybuilding. Masculinity associated with physical strength appears as a desired virtue in this lifestyle. The photos are based on a bodybuilding gym in the center of Porto Alegre.*

Key words: *Visual Anthropology, body, masculinity, photography, gender.*

¹ Doutoranda no Programa de Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES. marielen.baldissera@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2213891078720770>.

Em minha dissertação de mestrado (BALDISSERA, 2015) pesquisei sobre a experiência do olhar no retrato e as relações que ocorrem entre quem retrata e quem é retratado. A questão de gênero foi trazida para falar sobre o poder de quem olha e como mulheres e homens são vistos e representados visualmente. Não distante desse trajeto intelectual, sigo pesquisando sobre a construção da masculinidade e de gênero em suas formas imagéticas. Para este ensaio, realizado em 2018, contei com a colaboração de Jonas Tieppo da Rocha, que em sua conta no Instagram¹ se descreve como Brazilian amateur powerlifter. Ele faz parte da categoria nomeada “basista”, com foco nos três movimentos básicos: supino, agachamento e terra. Segundo Jonas, grande parte dos homens que se preocupam com o corpo e malham regularmente para crescer, se intitulam “maromba²”. Ele não aceita para si esta classificação, afirmando se concentrar em trabalhar a força. Jonas pratica musculação há oito anos e há dois está focando no esporte chamado Powerlifting. Na entrevista que realizei com ele, podemos enxergar a recorrente aparição da competitividade em sua narrativa, por essa ser uma pesquisa com masculinidades hegemônicas, relaciono suas declarações ao fato de que o “‘homem de verdade’ tem de estar constantemente provando a si e aos outros que é forte e macho o bastante” (SABINO, 2007, p. 180) e “a masculinidade deve ser provada, e assim que ela é provada, ela é novamente questionada e deve ser provada ainda mais uma vez;” (KIMMEL, 1998, p. 111).

Acompanhei Jonas durante um treino e o fotografei na Academia Physical, nas escadarias do Viaduto Otávio Rocha, na Avenida Borges de Medeiros, em Porto Alegre. O slogan da academia é “Treinando campeões”, e ela oferece acompanhamento em musculação, fisiculturismo, aulas de karate, jiu jitsu e muay thai. O dono da academia, Rubens Carlos de Souza, conhecido como Tubarão, também estava treinando, e acabou colaborando com a pesquisa posando para fotos e cedendo uma entrevista, em que contou como iniciou nesse mundo da academia:

Meu nome é Rubens Carlos de Souza, conhecido como Tubarão, tenho 66 anos. Tenho a academia aqui, a Physical, há quase 40 anos já. [...] Eu já venho desde os 14 anos treinando artes marciais, essas coisas assim. E no fisiculturismo mesmo, na musculação, eu já tinha uns 20 anos, 22 anos. Mas eu era um cara bem magrinho, tinha 50 quilos. Pesava 50 quilos, tinha 29 de braço, era um raquítico né. E com 5 anos de treino, mais ou menos, com muito esforço e dedicação eu cheguei de 50 quilos a quase 90 quilos e 46 de braço. Com 5 anos de treino. [...] E depois de 5, 6 anos de treino fiz minha primeira competição estadual, já ganhei a primeira, depois eu fui ganhando campeonato...

Antes tinha campeonato estadual e tinha Mister Porto Alegre, Mister Encouraçado, essas coisas. E eu entrava nessas competições aí, ganhei muito Mister Porto Alegre, estadual, fui pro brasileiro também, muitos anos ganhando em fisiculturismo. Eu entrei no levantamento de peso, mas não tive muita sorte, foi pouco tempo né. O que destacou mais foi no fisiculturismo. E depois que eu, em 95, 96, que eu ganhei o brasileiro de master, daí eu parei né, não fui mais competir. E me tornei meio que treinador só. Treinava equipe grande, tive atleta que ganhou brasileiro, sul-americano, pan-americano de levantamento de peso.

Quando realizei o ensaio fotográfico na Academia Physical, notei vários pôsteres e quadros espalhados pelas paredes com imagens de homens musculosos, há a repetição da famosa figura de Arnold Schwarzenegger e fotografias de Tubarão na época em que competia como fisiculturista. Ao ser questionado sobre o porquê de começar a treinar, ele teve uma resposta muito parecida com a de Jonas, com os devidos recortes temporais, por pertencerem a contextos geracionais diferentes. Ambos se referem à influência de filmes e de “heróis”, à vontade de se igualar a seus ídolos, sejam eles personagens fictícios ou não. Jonas contou que lia muitos gibis de super-heróis e também animes, em que, segundo ele, sempre tem a história de “um cara que treina muito e fica forte”, além de ter como brinquedos bonequinhos que “eram sempre bombados, eram fortes”.

Hoje em dia Tubarão não participa mais de campeonatos, encerrou essa fase de sua vida após sofrer uma lesão no ombro. Também fez uma cirurgia no joelho, o que diminuiu seu rendimento nas pernas. Pela sua idade, poderia ainda competir no nível Master 2, mas ele diz estar satisfeito com a academia e treinando atletas. Atualmente está treinando uma atleta que ganhou dois campeonatos estaduais, Tubarão fala sobre ela com orgulho, diz que está se destacando. Segundo ele, não há diferença em treinar homem ou mulher, o rigor e a exigência são os mesmos. Mas conta que na Physical não há muita presença feminina pelo fato de ter de montar os aparelhos e os pesos nos equipamentos. Moro perto da academia e nunca vi mulheres frequentando o local, também notei que em seu interior só havia um vestiário/banheiro com uma placa em que está escrito “masculino”.

¹ <https://www.instagram.com/jonastieppo/>

² Palavra que deriva do nome da vara que o funâmbulo (homem que anda na corda bamba) usa para se equilibrar. O termo é utilizado para se referir a fisiculturistas, body builders, ou homens “sarados”. (SABINO, 2007, p. 139)

Referências

- BALDISSERA, Marielen. Encontros com o outro: arte e gênero em uma experiência de troca de retratos. Dissertação (Mestrado)—Curso de Artes Visuais, IA, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/131674>
- KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103–117, out. 1998.
- SABINO, Cesar. Anabolizantes: Drogas de Apolo. Pp 139–188. In: goldenberg, Mirian (Org.) Nu & vestido : dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. 2. ed. Rio de Janeiro : Record, 2007.

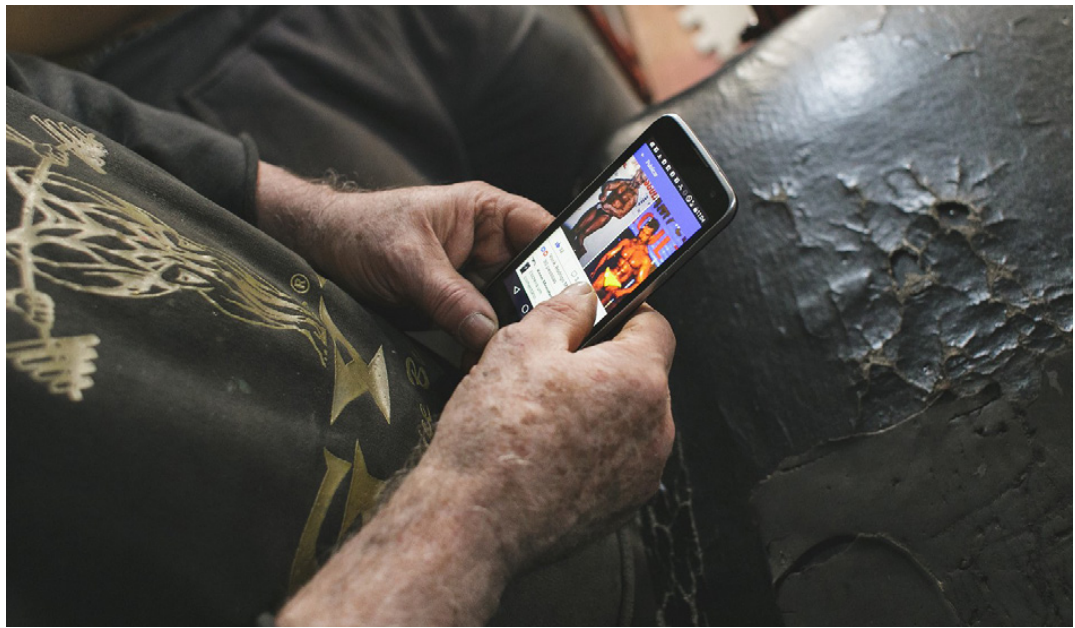












Wendell Marcel Alves
da Costa¹

Lembranças viajantes de espaços poéticos urbanos

Resumo: Este ensaio define as lembranças viajantes como atividades mentais de revisitação de imagens de experiências em cidades. Referem-se a práticas em espaços “comuns” da cidade, como becos, ruas, parques, avenidas, pontes e viadutos. Aqui, lembramos dos espaços poéticos urbanos, que são pequenos e cotidianos. Por meio de etnografias de rua, nossa pesquisa apresenta doze imagens de experiências vividas em temporalidades significantes, logo, abduzem sentidos afetivos e contra-afetivos em espaços poéticos urbanos. Dessa forma, mostramos a cidade como um lugar potencial para a imaginação simbólica das pessoas que praticam os espaços “comuns” e fabulam leituras oníricas na dimensão das lembranças viajantes.

Palavras-chave: Lembranças viajantes; espaços poéticos; cidade.

Travelers memories of urban poetic spaces

Abstract: This essay defines travelers memories as mental activities of revisiting images of experiences in cities. They refer to practices in “common” spaces of the city, such as alleys, streets, parks, avenues, bridges and viaducts. Here, we remember the urban poetic spaces, which are small and everyday. Through street ethnography, our research presents twelve images of experiences lived in significant temporalities, thus, they abduct affective and counter-affective senses in urban poetic spaces. In this way, we show the city as a potential place for the symbolic imagination of the people who practice the “common” spaces and they celebrate dreamlike readings in the dimension of travelers memories.

Key words: Travelers memories; poetic spaces; city.

¹ Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Cientista Social pela UFRN. Associado da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) e Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE). Integrante do Grupo de Pesquisa Linguagens da Cena: imagem, cultura e representação (CNPq). E-mail: marcell.wendell@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6669730006727241>.



Lembranças viajantes é um conceito para se referir as atividades imaginativas de visitar na lembrança imagens de espaços em temporalidades vividas no passado afetivo. São imagens de espaços conhecidos e reconhecidos durante viagens de férias, trabalho, compromissos rápidos em sua própria cidade, em outras cidades, estados, países. Nessas viagens a curtas e longas distâncias, a pé, de ônibus, metrô, skate, bicicleta ou carro/moto, cria-se uma paisagem simbólica da cidade visitada e dos tempos afetivos construídos na viagem: quais sensações, afetos e sentimentos foram guardados sobre os espaços visitados, observados, vividos em temporalidades constituídas por tempos acidentados?

Os tempos acidentados são fugas ao tempo cotidiano, esvaziado pelas possibilidades das experiências, pois “eliminar o imprevisto ou expulsá-lo do cálculo como acidente ilegítimo e perturbador da racionalidade, é interdizer a possibilidade de uma prática viva e ‘mítica’ da cidade” (CERTEAU, 2014, p. 281). Nesse sentido, a prática de caminhar, perambular e se perder na cidade—como forma de reconhecer a cidade—é prática para a combustão do fluxo de imagens urbanas que vão fabricar imaginários sensíveis do urbano, resgatas no presente pelas lembranças viajantes.

Em outras palavras, andar pela cidade faz revelar uma cidade escondida em cantos, lugares, vielas, ruas, avenidas, becos, parques, nos espaços “comuns” pouco visitados e vividos (COSTA, 2017), mas que possuem—pela ausência e presença de pessoas—a substância do afetivo (COSTA, 2018a). É desse afetivo como elemento das narrativas dos espaços—gostar, negar, visitar, “passar longe”, assombrado, onírico, obscuro—que queremos dizer neste ensaio (COSTA, 2018b).

Nossas lembranças viajantes são incursões individuais e subjetivas às imagens urbanas guardadas sobre experiências em localidades das cidades, viajam nas imaginações simbólicas e constroem códigos e signos urbanos (DURAND, 1993). Ao passo que o cotidiano das pessoas se apresenta como modalidade da vida vivida programada, as lembranças viajantes são instigadas por imagens que viajam no fluxo da memória, são reapresentadas ao consciente, alcançam outras significações daquelas inferidas no ato do registro ocular, ou seja, voltam como lembranças que passeiam nos trânsitos da memória afetiva.

As lembranças viajantes as vezes são materializadas em blocos de nota no celular, em cadernos e diários, fotografadas, filmadas, publicadas em redes sociais, ou apenas trazidas ao presente no pensamento pelas lembranças acionadas pelos sentidos do corpo: os cheiros penetrantes na memória dos milhares de ingredientes no Mercado 4 de Assunção; a bela paisagem arquitetural e o ar de nostalgia do Parque da Pampulha, em Belo Horizonte; a sensação de frescor e o sentimento de saudade que nunca se viveu no Cais e Porto, em Barreiras; a mudança estrutural das ruas e avenidas no Centro do Recife, são alguns dos exemplos pessoais de experiências urbanas.

Desse jeito, as imagens desses lugares e das situações vividas sofrem processos intensos de ressignificações nas temporalidades vividas no momento presente, então as lembranças viajantes passeiam no fluxo das memórias em tempos passados e presentes—do “antes” e do “depois” (ELIAS, 1998) ou no sistema de instantes (BACHELARD, 1988). A duração dessas temporalidades não é fechada em si, mas sim aberta a acréscimos, justaposições, cruzamentos, interposições de outras temporalidades urbanas.

Em síntese, nossas lembranças viajantes estão situadas no campo, vivenciaram e sentiram o calor, o frio, o medo e a alegria das experiências vividas, que apesar de serem compartilhadas em algumas situações, são pessoais e afetivas. Com destaque, é importante salientar que também as viagens de retorno—para lugares já visitados e praticados—navegam nas lembranças imaginárias revisitadas nas lembranças viajantes, construindo assim paradigmas dialéticos sobre a cidade imaginária—pensada, narrada e imaginada.

Neste ensaio apresento doze imagens de espaços poéticos urbanos—que são pequenos e cotidianos e contextualizados nos tempos acidentados da cidade—fruto de etnografias de rua (ECKERT; ROCHA, 2003) que carregam em seus contornos arquitetônicos, cores, cheiros e narrativas um sentido afetivo e contra-afetivo. As cidades representadas neste ensaio são, respectivamente: Barreiras-BA, São Paulo-SP, Fortaleza-CE, Salvador-BA, Brasília-DF, Recife-PE e Natal-RN.

Parte da pesquisa teórica foi elaborada durante minha dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com orientação da professora Dra. Lisabete Coradini, e intitulada “Cinema, imaginação e espaços poéticos memoriais: antropologia do imaginário no cinema pernambucano de Kleber Mendonça Filho”. Particularmente, as lembranças viajantes dos espaços poéticos urbanos podem ligar-se a outras visões dos mesmos espaços, concebidas em narrativas sociais artísticas e sociais, de cunho simbólico e afetivo para os que visualizam os espaços, a cidade se faz enquanto campo imaginário—presente no momento e marcado nas memórias das pessoas.

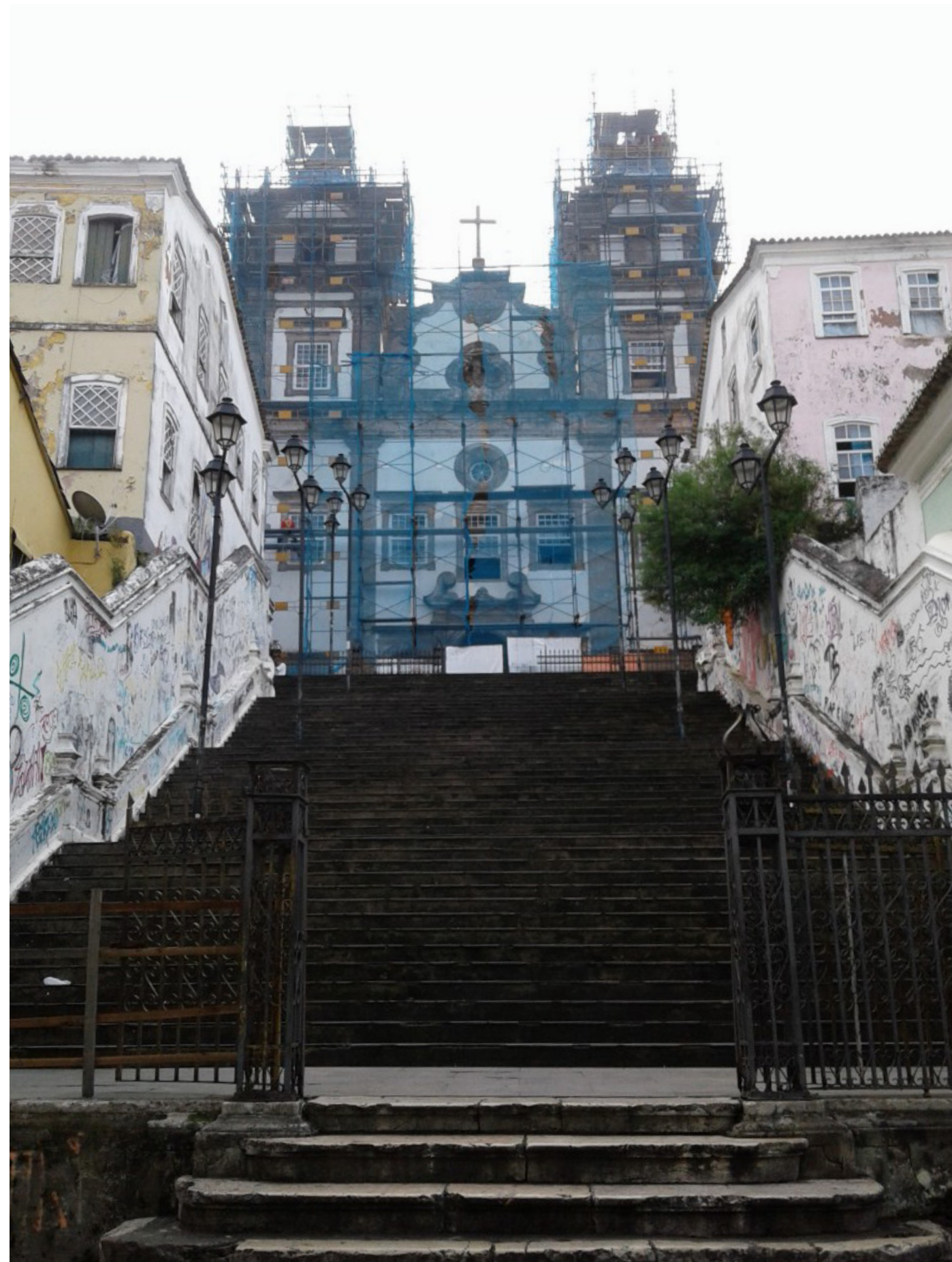
Referências

- BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- COSTA, Wendell Marcel Alves da. Memórias, narrativas políticas e dicotomias da cidade: olhares fílmicos sobre Recife-PE. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 18, n. 45, p. 238–268, ago./dez, 2017.
- COSTA, Wendell Marcel Alves da. Fugas e medos gays: Praia do Futuro e o cinema transnacional das sensações geográfico-afetivas. *Temática*, ano XIV, n. 9, setembro, 2018a.
- COSTA, Wendell Marcel Alves da. Pontos de memórias: análise imagética das relações socioespaciais em Barreiras-BA. *Cadernos NAUI*, v. 7, n. 13, jul-dez, 2018b.
- DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Lisboa: Edições 70, 1993.
- ECKERT, Cornelia. ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana*. *Iluminuras*, v. 4, n. 7, 2003.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.











Cristhian Cajé ¹
Rafael Venuto ²

Alvorada do Remo: memória e identidade do Clube de Regatas Riachuelo a partir de narrativas imagéticas da cidade de Florianópolis

Resumo: Alvorada do Remo tem como objetivo refletir, a partir das imagens da cidade de Florianópolis e de fotografias que compõem o acervo fotográfico do Clube Riachuelo, as relações e as dinâmicas das transformações entre identidade, memória e as várias masculinidades entre gerações de atletas que participam desta sociedade esportiva.

Palavras-chave: memória ; identidade; remo; cidade.

Rowing Sunrise: memory and identity of the Riachuelo Regattas Club from visual narratives of the city of Florianópolis

Abstract: *Rowing Sunrise* aims to reflect, from the images of the city of Florianópolis and photographs that compose the Riachuelo Club photographic collection, the relations and dynamics of the transformations between identity, memory and the various masculinities between generations of athletes participating in this sport society.

Key words: *memory; identity; rowing; city.*



¹ Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina—UFSC. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1347295103852372> email: cristhiancaje@gmail.com.

² Mestrando em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina—UFSC. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4303918002725987> email: rafael.vnt@gmail.com.

Alvorada, aqui, tem dois sentidos: o primeiro é uma referência à prática do remo em Florianópolis, remete à hora em que a “guapa rapaziada” encontrava-se para exercitar o físico nos galpões da Beira Mar há muito tempo; e, segundo, pelo remo ser um esporte estreitamente vinculado aos projetos políticos da modernidade, aos novos tempos, aos novos homens e às novas cidades, seja em Paris, em Londres ou estados brasileiros do início do século XX, como Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Em Florianópolis, a primeira sociedade de regatas—o Clube 29 de Abril –, organizada em meados do século XIX, contaria com a participação dos Coronéis da Marinha e da Escola de Menores e Marinheiros da Canhoneira, permitindo também que as atividades relacionadas ao remo fossem oferecidas a todos que se associaram ao clube na ocasião. Mas somente no ano de 1915 este esporte adquiriria sua característica de prática física salutar ao homem moderno, com a fundação do Clube Náutico Riachuelo, junto a seu status de Clube Social.

Entre as transformações urbanas que ocorriam na cidade, que visavam higienizar e dar ares modernos aos seus habitantes, o remo e sua prática seriam incentivados. Durante as regatas, aos domingos, na beira do Mercado Público, os remadores se tornavam verdadeiros heróis ao exibirem sua força, beleza e disciplina. Assim, esboçar a presença do remo e as suas relações com o corpo, a cidade e as elites políticas da capital catarinense, ao longo do século, é um dos principais objetivos deste ensaio fotográfico.

Este trabalho se desmembra da minha tese em Antropologia Social—“*Os vencedores cheios de glória: masculinidade, identidade e memória no remo*”, em que são feitas análises a partir de relatos etnográficos e fotografias, sobre a articulação entre relações de gênero, masculinidade, e conceitos antropológicos de identidade e memória no contexto do Clube de Regatas Riachuelo. A partir de uma abordagem teórica interdisciplinar, relaciona-se aportes da história, das teorias feministas, da antropologia visual e da antropologia urbana dentro do campo dos estudos sociais sobre o esporte, especificamente no contexto epistemológico da Antropologia do Esporte.

Alvorada do Remo tem como objetivo refletir, a partir das imagens da cidade de Florianópolis e de fotografias que compõem o acervo fotográfico do Clube Riachuelo, as relações e as dinâmicas das transformações entre identidade, memória e as várias masculinidades entre gerações de atletas que participam desta sociedade esportiva. O caminho metodológico escolhido foi a escrita de uma etnografia com elementos visuais a partir de registros fotográficos.

Em 2015, por motivo da comemoração do centenário do Clube, o acervo fotográfico passou por um processo de classificação, musealização e exposição das imagens. Este evento foi para os Riachuelinos um marco importante para repensarem sua identidade dentro de um processo histórico. Articulando algumas discussões sobre história e cultura que surgiram na antropologia a partir de autores como Marshal Sahlins (1987), Lilia Schwarcz (2005) e Jean e Jhon Camarrof (2016) podemos analisar este importante evento e seu reflexo sobre os processos históricos do Clube e da sua memória, como um momento elemental para a construção do presente dentro de uma dinâmica cultural caracterizada pela continuidade e mudança, simultaneamente.

O acervo fotográfico do Clube Riachuelo, aparece como um narrador da cidade, a partir da sua composição imagética podemos esboçar a transformação destes conceitos e como eles aparecem com a temporalização que as imagens fazem, permitindo criar uma interpretação sobre como a memória, a identidade e as relações de gênero emergem, se tencionam, se fragmentam e se recriam décadas depois de sua fundação, para chegarmos finalmente a uma interpretação aproximada sobre construção social da categoria nativa de “Remador”.

Referências

- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CONNELL, Raewyn. Masculinidades. México, D.F.: UNAM-PUEG, 2015a.
- COMARROF, Jean e John. Etnografia e imaginação histórica. Tradução de Iracema Dulley e Olívia Janequine, 2016.
- MARCUS, George. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do s. XX ao nível mundial, in: Revista de Antropologia, Vol. 34, pp. 197/221, USP, São Paulo, 1991.
- SONTAG, Susan. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SAHLINS, Marshall. Ilhas de história. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1987.
- SCHWARCS, Lília. Sobre uma antropologia da história. In: QUESTÕES DE FRONTEIRA, 2005.











COTIDIANO CITADINO E
PERSONAGENS URBANOS



foto *crono* grafias